

# CADERNO DE RESUMOS

## **III Simpósio Linguagem e Práticas Midiáticas - MidiAto 10 anos Crítica das Representações e Mediações**

Escola de Comunicações e Artes da USP  
23 e 30 de abril de 2019

Rosana de Lima Soares  
Mayra Rodrigues Gomes  
**(organizadoras)**

ISBN 978-85-7205-243-6

### **AUTORES**

Aline Silva de Senzi, Andrea Limberto, Caio Lamas,  
Cíntia Liesenberg, Eduardo Paschoal de Sousa, Eliza Bachega Casadei,  
Fernanda Elouise Budag, Ivan Paganotti, Juliana Doretto,  
Juliana Malacarne de Pinho, Mayra Rodrigues Gomes,  
Nara Lya Cabral Scabin, Natalia Engler Prudencio,  
Renata Carvalho da Costa, Rosana de Lima Soares, Sílvio Anaz,  
Sofia Franco Guilherme, Thiago Siqueira Venanzoni,  
Viviane Garbelini Cardoso

# Expediente

## Universidade de São Paulo

**Reitor:** Prof. Dr. Vahan Agopyan

**Vice-Reitor:** Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandez

**Diretor da ECA-USP:** Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro

**Vice-Diretora da ECA-USP:** Profa. Dra. Brasilina Passarelli

## Expediente da publicação

**Editora:** Escola de Comunicações e Artes da USP

**Organização:** Rosana de Lima Soares e Mayra Rodrigues Gomes

**Revisão e padronização:** Andrea Limberto

**Projeto gráfico:** Juliana Doretto

**Diagramação:** Fernanda Elouise Budag e Eduardo Paschoal de Sousa

## Catálogo na Publicação

**Serviço de Biblioteca e Documentação**

**Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo**

S612

Simpósio Linguagem e Práticas Midiáticas – MidiAto 10 anos: crítica das representações e mediações (3. : 2019 : São Paulo)  
Caderno de resumos [recurso eletrônico] / Rosana de Lima Soares, Mayra Rodrigues Gomes (organizadoras) – São Paulo : ECA/USP, 2019.  
65 p.

Trabalhos apresentados no Simpósio realizado dias 23 e 30 de abril de 2019, Escola de Comunicações e Artes da USP, São Paulo.  
ISBN 978-85-7205-243-6

1. Meios de comunicação de massa - Congressos 2. Multimeios – Congressos  
3. Crítica I. Soares, Rosana de Lima II. Gomes, Mayra Rodrigues

CDD 21.ed. – 301.161

Elaborado por: Sarah Lorenzon Ferreira CRB-8/6888



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Está autorizada a reprodução parcial ou total desta obra desde que citada a fonte  
Proibido uso com fins comerciais



## O mal-estar na representação<sup>1</sup>: das identidades ao reconhecimento

Rosana de Lima Soares, ECA-USP<sup>2</sup>

Thiago Siqueira Venanzoni, ECA-USP<sup>3</sup>

**Resumo:** A comunicação busca analisar produções audiovisuais de coletivos da periferia por meio do tensionamento dos conceitos de diversidade e universalismo, conforme definidos por Renato Ortiz (2015), presentes em conteúdos noticiosos. O acontecimento escolhido para reflexão será o processo eleitoral brasileiro, marcado por inúmeros conflitos entre os diversos grupos sociais, entre os meses de agosto e outubro de 2018. Serão observadas narrativas ausentes das mídias tradicionais a fim de observar de que forma essas narrativas propõem outros modos de representação do cotidiano desses sujeitos. Por meio das análises, o trabalho busca apontar os processos políticos em torno de lutas identitárias e disputas por representação, abrangendo os conceitos de visibilidade e reconhecimento, bem como as possibilidades de reconfiguração do social e reconstrução do espaço comum presentes nesses discursos.

**Palavras-chave:** Políticas da representação; regimes de visibilidades; cultura audiovisual; jornalismo periférico; crítica de mídia.

As eleições de 2018 foram marcadas pelas disputas mais claras em torno dos debates de raça, classe e gênero em função dos projetos políticos que se apresentaram ao longo do processo eleitoral. Esse debate público se deu não apenas por haver um projeto de poder que se mostrava reativo a essas pautas, em contraposição a um outro que as apoiava mas, sobretudo, por aclarar uma mudança em curso na perspectiva de disputas políticas no país, nas quais as lutas identitárias e por reconhecimento marcam, de modo definitivo, um lugar mais amplo e consciente na cena social. Dentro desse cenário, as mídias noticiosas tiveram função primordial na circulação de discursos, por meio de conteúdos que apontavam emblemas e sínteses dos debates que se propagaram, de muitas maneiras, em plataformas digitais.

Não se trata mais, entretanto, de uma produção hegemônica partilhada de modo centralizado, como em tempos anteriores, mas de construções narrativas praticadas por indivíduos e grupos que participaram ativamente da mediação para compreensão

<sup>1</sup> O termo foi inspirado em livro do sociólogo Renato Ortiz, *Universalismo e diversidade: contradições da modernidade-mundo* (2015), no qual o autor propõe o debate sobre o “mal-estar do universalismo”: o que busca ser completo e totalizante, porém necessita ser diverso e singular. A diversidade, dessa maneira, é vista como um processo que integra o estado global da modernidade-mundo, e não em sentido apenas ideológico, já que o mundo precisa, hoje, ser necessariamente diverso. Assim, as mediações e os sistemas de produção, recepção e produtos (materiais ou culturais) dialogam numa dupla chave: do homogêneo e do múltiplo, o que impactaria os modos de construção da representação dos sujeitos em suas disputas por reconhecimento e visibilidade. O título faz, também, referência ao ensaio *O mal-estar na cultura*, escrito por Sigmund Freud em 1930, no qual as relações entre o indivíduo e a sociedade são abordados.

<sup>2</sup> rolima@usp.br

<sup>3</sup> thiago.venanzoni@fiamfaam.br



daquilo que se colocava em pauta no país, defendendo interesses e pontos de vista distintos. No campo progressista, dentre outros atores sociais, inúmeros coletivos situados nas periferias das grandes cidades se voltaram para temáticas sociais usualmente distantes das mídias tradicionais a fim de interferir e contribuir com esse debate, especialmente no que diz respeito à proposição de novas políticas da representação que pudessem deslocar os regimes de visibilidade vigentes. O presente trabalho tem como objetivo analisar produções audiovisuais de coletivos jornalísticos periféricos entre 16 de agosto e 28 de outubro de 2018, quando foi realizado o segundo turno das eleições, destacando-se no período a disputa presidencial.

Foram selecionados coletivos jornalísticos que produzem e difundem conteúdos nas periferias, objetivando compor um olhar desses territórios para as questões sociais do país em perspectiva noticiosa, na qual as formas da reportagem e do documentário se mesclam. Por se voltar a eventos atuais e/ou do cotidiano, o mapeamento destaca produções audiovisuais em gêneros referenciais, principalmente por serem estas as que têm encontrado maior número de realizações. Curiosamente, há prevalência de obras audiovisuais, e não de produções textuais ou sonoras, quando observamos os coletivos periféricos, como se neles o jornalismo pudesse reencontrar um sentido e uma meta.

Apresentamos a seguir um primeiro levantamento de coletivos elencados nessa perspectiva, privilegiando aqueles que têm ocupado lugar de destaque na geração de conteúdos audiovisuais sobre as periferias e na constituição de um espaço de recepção nelas situado. Nesse momento, destacamos produções jornalísticas realizadas nas cidades de São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ) devido a sua maior visibilidade no contexto midiático e, também, pelo fato desses coletivos tematizarem em suas produções o contexto nacional ao invés de apenas divulgarem notícias sobre seus territórios locais. Em termos metodológicos, estabelecemos como ponto de partida a divisão dos coletivos<sup>4</sup> em dois grupos: o primeiro, constituído por aqueles caracterizados como *coletivos jornalísticos* (associações, grupos e redes); e o segundo formado por grupo mais institucionalizados e estabelecidos como *mídias noticiosas* (portais, jornais e revistas).

---

<sup>4</sup> Há um debate em curso nos espaços acadêmicos e de produção sobre a noção de coletivo. Adotamos neste trabalho a relação discursiva estabelecida pela construção do termo, na qual as produções dos coletivos sejam analisadas em torno da diversidade de vozes internas aos grupos, da paridade delas nas construções narrativas e na reconstrução do social intencionada por esses vários grupos e coletivos. Acredita-se, dessa forma, que o recorte dos coletivos periféricos seria o lugar para se avaliar discursivamente essas relações à medida que as vozes subalternas ocupam espaços narrativos e de produção em recorrências. A ideia do “coletivo”, dessa forma, se dinamiza à medida que os meios de produção também se democratizam e a diversidade passa a ser um emblema contemporâneo.



Nessa concepção, o *jornalismo periférico* representa uma parte do chamado *jornalismo independente*, ambos se colocando como uma alternativa às mídias corporativas ou de referência, e buscando romper com os discursos hegemônicos nelas presentes, especialmente em relação a temáticas políticas e sociais. Nos coletivos periféricos, ainda que os modos de apuração e edição sejam semelhantes àqueles do jornalismo tradicional, a diferença se coloca, radicalmente, na escolha das pautas a serem abordadas, na relação de proximidade entre realizadores e sujeitos mostrados, e na participação mais ativa do público. Os quadros abaixo apresentam a seleção proposta.

<b>Coletivos jornalísticos</b>	<b>Cidade</b>	<b>Plataforma de circulação</b>
<b>Papo Reto</b>	RJ	<a href="https://facebook.com/ColetivoPapoReto/">facebook.com/ColetivoPapoReto/</a>
<b>Voz das Comunidades</b>	RJ	<a href="https://facebook.com/vozascomunidades/">facebook.com/vozascomunidades/</a>
<b>Nós, Mulheres da Periferia</b>	SP	<a href="http://nosmulheresdaperiferia.com.br/">http://nosmulheresdaperiferia.com.br/</a>
<b>Periferia em Movimento</b>	SP	<a href="http://periferiaemmovimento.com.br/">http://periferiaemmovimento.com.br/</a>
<b>Alma Preta</b>	SP	<a href="https://www.facebook.com/almapretajornalismo/">https://www.facebook.com/almapretajornalismo/</a>
<b>Agência Mural de Jornalismo das Periferias</b>	SP	<a href="https://www.agenciamural.org.br/">https://www.agenciamural.org.br/</a>
<b>Desenrola e não me enrola</b>	SP	<a href="https://www.desenrolaenaomenrola.com.br/">https://www.desenrolaenaomenrola.com.br/</a>
<b>Pavio Jornalismo</b>	SP	<a href="https://www.facebook.com/paviojor/">https://www.facebook.com/paviojor/</a>
<b>Ênois</b>	SP	<a href="https://enoisconteudo.com.br/">https://enoisconteudo.com.br/</a>

Além desses coletivos, no mapeamento geral também foram elencados grupos que produzem o que se nomeia como jornalismo independente, como contraponto às mídias tradicionais, e tematizam os espaços periféricos, voltando-se para públicos diversos.

<b>Mídias noticiosas</b>	<b>Plataforma de circulação</b>
<b>Ponte Jornalismo</b>	<a href="https://ponte.org/">https://ponte.org/</a>
<b>Mídia Ninja</b>	<a href="http://midianinja.org/">http://midianinja.org/</a>
<b>Jornalistas Livres</b>	<a href="https://jornalistaslivres.org/">https://jornalistaslivres.org/</a>
<b>Agência Pública</b>	<a href="https://apublica.org/">https://apublica.org/</a>
<b>Marco Zero Conteúdo</b>	<a href="http://marcozero.org/">http://marcozero.org/</a>
<b>Opera Mundi</b>	<a href="https://operamundi.uol.com.br/">https://operamundi.uol.com.br/</a>
<b>Nexo Jornal</b>	<a href="https://www.nexojornal.com.br/">https://www.nexojornal.com.br/</a>

<sup>5</sup> Nesse sentido, uma das iniciativas mais interessantes e inovadoras é a Rede de Jornalistas das Periferias, formada pelos coletivos: Alma Preta; Capão News; Casa no Meio do Mundo; Desenrola e Não Enrola; Di Campana Foto Coletivo; Do Lado de Cá; Historicamente; Imargem; Mural – Agência de Jornalismo das Periferias; Nós, Mulheres da Periferia; Periferia em Movimento; Periferia Invisível; TV Grajaú. Disponível em: <https://www.facebook.com/redejornalistasdasperiferias/>. Acesso em: 23 mar. 2018.



<b>Brasil de Fato</b>	<a href="https://www.brasildefato.com.br/">https://www.brasildefato.com.br/</a>
<b>The Intercept Brasil</b>	<a href="https://theintercept.com/brasil/">https://theintercept.com/brasil/</a>

Com essa amostragem temos um quadro geral da produção de conteúdo que se deseja compreender a partir do recorte adotado no período eleitoral de 2018, elegendo, nesse momento, três coletivos jornalísticos periféricos para as análises<sup>6</sup>.

### **Produções audiovisuais das e nas periferias**

Dos coletivos destacados, iremos nos concentrar em três deles, que produziram, no período indicado, conteúdos audiovisuais disponibilizados em plataformas digitais. São eles: Coletivo Papo Reto, que produziu 79 conteúdos audiovisuais postados em sua página no Facebook; Coletivo Voz das Comunidades, que postou 133 vídeos, alguns deles boletins ao vivo, na mesma plataforma; e o Nós, Mulheres da Periferia que concentrou material audiovisual durante as eleições para debater questões de raça, gênero e o momento político do país.

Com base nesse material, o trabalho busca apontar o debate público articulado em narrativas produzidas por grupos periféricos, no que elas se diferenciam de outras narrativas jornalísticas e quais as mediações que buscam estabelecer com o público. Algumas questões norteiam nossa investigação: considerando o atual contexto social e político, como podemos falar em representação hoje? De que modo a ampliação das narrativas produzidas por diferentes sujeitos desafia esse conceito? Como essas produções articulam as lutas identitárias e de reconstrução do social em suas disputas por visibilidade e reconhecimento?

Renato Ortiz (2015) coloca a diversidade como um emblema contemporâneo em relação ao qual não seria possível descartar a questão do universalismo em prol de identidades fixas e homogêneas. De mesma forma, se o universalismo é uma presença na atualidade, como pensar a produção das diversidades em um mundo cada vez mais plural? Esse dilema perpassa um amplo debate multidisciplinar que resulta em um mal-estar em que sociedades reconhecem cada vez mais as suas diversidades mas, ao mesmo tempo, tornam-se cada vez mais integradas aos mercados globais, esvaziando assim seu caráter singular. Conciliar esses polos contraditórios seria a tarefa colocada à reflexão

---

<sup>6</sup> Pretende-se ampliar a amostragem em trabalhos posteriores, incluindo outros grupos e coletivos, tanto de jornalismo periférico como independente.



sobre a tensão entre identidades e coletividades, pensando-as como instâncias culturais e, desse modo, representadas também pelas mídias.

Ao pensar nas representações, Stuart Hall (2016) faz menção ao funcionamento da linguagem como um “circuito de cultura”, em que o consumo, a regulação e a produção de identidades ocupam lugares nos “sistemas de representação” por meio de práticas discursivas. Essa proposição auxilia na compreensão do mal-estar proposto por Ortiz, à medida que as identidades necessitam disputar meios e mediações no campo político e estético das representações. Tomando como base esse debate, propõe-se um quadro teórico visando interpretar os quadros empíricos anteriormente mostrados. Esse quadro pretende delinear o circuito midiático em que se inserem as narrativas jornalísticas, notadamente as de caráter periférico, apontando suas formas, usos e apropriações em relação às lutas identitárias e às disputas por reconhecimento.

### Quadro 3 – Circuito midiático



O quadro busca elucidar, nas produções periféricas, onde se encontram seus pontos de representação e identidade, em que momento temos a visibilidade e se é possível, em alguma dessas representações, falar em reconhecimento, processo no qual ocorrem os deslocamentos discursivos. Associando o campo representacional ao dilema contemporâneo do diverso e do universal, temos o diverso presentificado nas lutas identitárias, em busca de visibilidades, e as disputas sociais como aquelas que visam a



reconstrução do social, interferindo nas políticas da representação e possibilitando reconfigurações identitárias por meio das narrativas propostas.

A questão que se articula neste trabalho, por fim, é a de identificar, nessas narrativas, onde se situam as identidades representadas, as visibilidades encenadas e se há nelas uma partilha de reconhecimento social visando a ampliação de demandas trazidas por essas vozes das periferias.

## Referências

- HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2016.
- HONNETH, A.; FRASER, N. **Redistribution or recognition? A political-philosophical exchange**. Nova York: Verso, 2004.
- MARTÍN-BARBERO, J. Diversidade em convergência. **MATRIZES**. São Paulo, V.8, n.2, jul./dez. 2014.
- \_\_\_\_\_. **Jóvenes. Entre el palimpsesto y el hipertexto**. Colección: Biblioteca de Infancia y Juventud. Barcelona: Ned Ediciones, 2017.
- ORTIZ, R. **Universalismo e diversidade**. São Paulo: Boitempo, 2015.
- REGUILLO, R. **Paisajes insurrectos: jóvenes, redes y revueltas en el otoño civilizatorio**. Barcelona: Ned Ediciones, 2017.

## Rosana de Lima Soares

Professora livre-docente no Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais e no Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP, com doutorado e mestrado em comunicação pela mesma instituição. Realizou pesquisa de pós-doutorado na Universidade Estadual de Campinas (2012) e no Kings College London (Inglaterra, 2014/Fapesp). Bolsista de Produtividade em Pesquisa/CNPq.

## Thiago Siqueira Venanzoni

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais da ECA-USP (bolsista Capes) e mestre em Meios e Processos Audiovisuais pela mesma instituição, com graduação em Comunicação Social (Jornalismo) pela Unesp. Docente da Fiam-Faam – Centro Universitário.